

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

UM HOSPÍCIO PORTUGUÊS EM MINAS GERAIS.

CARRATO, José Ferreira

Ano: 1972 | Número: 82

Como citar este documento:

CARRATO, José Ferreira, Um hospício português em Minas Gerais. *Revista de Guimarães*, 82 (1-2) Jan.-Jun. 1972, p. 15-36.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Um Hospício Português em Minas Gerais

Pelo Doutor JOSÉ FERREIRA CARRATO
Professor Regente da Universidade de São Paulo
e Bolsheiro da Fundação Calouste Gulbenkian

Em trabalho anterior, estudámos a obra eremítica do Irmão Lourenço de Nossa Senhora, estranho beirão que emigrou para Minas Gerais no século XVIII, e se estabeleceu nos êrmos da Serra do Caraça com uma originalíssima instituição religiosa. Agora, iremos conhecer o Hospício de Lourenço, uma das modalidades mais interessantes de sua obra, que se destinou a hospedar e dar guarida aos peregrinos que subiam à Serra, para levarem, bem à moda portuguesa, o seu culto filial a Nossa Senhora Mãe dos Homens, em concorridas e fervorosas romarias.

Em seu sentido etimológico, a palavra «hospício» é sinónimo de hospedaria, albergue, albergaria ou casa-de-hospitalidade. O hospício destina-se, desde a Alta Idade Média — pois é uma instituição predominantemente medieval — a substituir o lar distante do peregrino, são ou doente, onde quer que ele esteja. É que, nos séculos da Idade Média, as viagens são aventuras tão desgastadoras que o peregrino e o doente se equivalem. Daí também a ambivalência das palavras hospício e hospital (*hospitale*, em latim), ambas significando a casa que indiferentemente hospeda viajantes e enfermos (1), sino-

(1) V. Michel Bréal — *Dictionnaire étymologique latin*. Paris, Hachette, s/d., p. 128.

nímia que permanece durante mil anos, para se desfazer sómente de uns tempos para cá.

Sendo medieval, a instituição do hospício é eminentemente cristã, tanto na Igreja Latina como na Oriental. Aliás, esta «maravilhosa invenção do Cristianismo» (Conde de Montalembert) teria sido inaugurada pelos monges do século IV, a começar pelo abade Pammacus, na Roma do tempo de São Jerónimo, logo imitado pelo próprio Jerónimo, por São Basílio, São João Crisóstomo, Santo Agostinho, Santo Efrém e outros. Em seu entusiasmo pelo imenso hospício criado por São Basílio em Cesaréia, São Gregório Nazianzeno dava a essa cidade o glorioso nome de «cidade da caridade» e a punha acima das sete maravilhas do mundo antigo (2): esse hospício recebia indistintamente peregrinos e enfermos. No Ocidente, a instituição hospicial tornar-se-á geral nos mosteiros medievos, especialmente depois que São Bento de Núrsia, em sua Regra, estatui expressamente a hospitalidade como obrigação monástica (Cap. 43). Em muitos mosteiros passará a haver um monge encarregado de receber os forasteiros, o *praepositus hospitum* (o prefeito dos hóspedes, ou *hospitarius*, que lhes deverá dar cuidados tão delicados como respeitosos, ajoelhando-se diante deles, para lavar-lhes as mãos e os pés. São Cutberto assim fazia, em sua abadia de Ripon, na Inglaterra, segundo o depoimento de São Beda, o Venerável (3). Na abadia de São Gall, na Suíça, caberá ao religioso mais ilustre da casa a função de hospedeiro, sabendo-se que os célebres monges Notker o Gago e Tutilon exerceram essa função (4). Citando pesquisas do erudito beneditino Mabillon, hagiólogo e diplomata de sua Ordem, o Conde de Montalembert, em sua excelente obra *Les Moines d'Occident*, inclui uma antiga carta do século IX, em que se destaca esta preocupação principal do espírito hospitalário: «Qualquer um que se dirigia aos mosteiros era recebido pela caridade, que é a mãe das virtudes, pela concórdia, que é a filha da caridade, pela simplicidade, que é a con-

(2) *Oratio XLIII. In Patrologia Latina*. Editio nova, Turnholt (Belgium), Brepols Editores, t. XXXVI, col. 578/9.

(3) Beda, o Venerável, São — *Vita Sancti Cutberti*, Cap. VIII, in *Patrologia Latina*, de Migne. Parisiis, 1862, t. 94, col. 850 e 743.

(4) *Les moines d'Occident*. Paris, J. Lecoffre, 1868, 7v; t. VI, p. 320.

sequência de uma e de outra: todas três estabeleceram ali o seu domicílio, ali vivem em comum, e todas três correm adiante do forasteiro que ali se apresenta» (5).

Esses mosteiros passarão a ter junto de suas edificações propriamente monásticas seus *hospitais*, *hospícios*, *albergarias*, *mercearias* e *gafarias*. Esses *hospitais* correspondem às *nosocomias* do Cristianismo do Oriente e recebem os viajantes doentes; os *hospícios* correspondem às *xenodochias* gregas e acolhem os estranhos de passagem; os *albergues* ou *albergarias* recebem indistintamente viandantes e enfermos; as *mercearias* (de *mercê*) hospedam os pobres e desvalidos; e as *gafarias* destinam-se aos leprosos ou doentes incuráveis e correspondem às *maladreries* dos cruzados, especialmente franceses. As *domus hospitum et peregrinorum* — que é o nome que se dá às construções para peregrinos — serão alas próprias e independentes do conjunto monasterial. (6). Em São Gall, por exemplo pode-se ver, logo à entrada principal da abadia, à direita do *paradisus* da igreja, a sua *domus hospitum*, constante de dois dormitórios para os hóspedes, uma padaria e uma «brasserie» ou bar (!) (7). Fontenay, em França, manterá a sua «hotellerie» ao lado do conjunto claustral (*apud* L. Begule), com capela própria logo à esquerda da portaria (8); o mosteiro de Cluny exibirá seu hospício entre as duas portas de acesso, também com capelas próprias; o mesmo acontecerá em Monte-Cassino, conforme o comprovam os estudos do especialista Keneth J. Conant (9).

Em Portugal, já antes da fundação da nacionalidade, abundarão os hospícios, seja para doentes curáveis ou não, seja para viajantes, especialmente nos caminhos que conduzem aos centros mais frequentados de peregrinação, como Santiago de Compostela. Mas, a verdadeira institucionalização deles se dará depois do êxito da 1.ª Cruzada, quando a intensificação das romarias aos Santos Lugares irá ocasionar sérios problemas de alojamento dos peregrinos em Jerusalém. Aliás, de acordo com as

(5) *Idem*, p. 321.

(6) Schmitz, Philibert — *Histoire de l'Ordre de Saint-Benoît*. 2. ème édition, Namur, Éd. de Maredsous, 1949, 7v, t. II, p. 221.

(7) Conde de Montalembert — *Op. cit.*, t. VI, p. 320.

(8) Le Goff, Jacques — *La civilisation de l'Occident médiéval*, Paris, Arthaud, 1964, p. 163.

(9) *Idem*, *ibidem*.

tendências da época, mais que uma institucionalização, haverá uma militarização monástica dos serviços de hospedagem, com o aparecimento das Ordens Militares Hospitalárias, das quais a mais específica será a Ordem dos Hospitalários de São João de Jerusalém. Essa Ordem nasce ali, em 1099, após a conquista da cidade santa, fundada pelo provençal Gerardo Tum, um peregrino que experimentara as agruras do viajante cristão na Terra Santa. Acontecera que mercadores amalfitanos haviam instalado, desde 1048, uma hospedaria para recolher romeiros e o Bem-aventurado Gerardo tornou-se reitor dessa casa-de-hospitalidade, que teve o nome de Santa Maria Latina e se regia pela Regra de São Bento. Ao se apossarem os Cruzados de Jerusalém, o mesmo Gerardo decidiu-se a ampliar-lhe as instalações, valendo-se das doações inúmeras que recebeu de Godofredo de Bulhão e de outros cavaleiros cristãos. Ergueu junto da albergaria um grande hospital, sob a invocação de São João Baptista, e passou a receber freiras e cavaleiros, que, professando os votos monásticos, ainda se comprometiam a receber os peregrinos em Jerusalém e a defendê-los contra os infiéis: era a Ordem Militar de São João do Hospital de Jerusalém que surgia, logo reconhecida pelo papa Pascoal II, em 1113⁽¹⁰⁾. Não tardou muito e principiaram a abrir-se muitos hospícios na Síria e na Europa.

Não se sabe quando os Hospitalários chegam a Portugal, pois já terão sua casa capitular de Leça do Balio, no século XII, talvez desde 1128, doada por D. Teresa, mãe de D. Afonso Henriques, não muito longe do Porto⁽¹¹⁾. Mais doações se seguirão nos reinados dos dois primeiros Sanchos e os Hospitalários de Leça constituirão corpo militar de importância nas lutas de Reconquista e o seu «prior», D. Álvaro Gonçalves Camelo, companheiro de Nuno Gonçalves, o Condestável (aliás filho de famoso prior do Hospital), será um dos inumeráveis e aguerridos cavaleiros dali saídos. O escritor

⁽¹⁰⁾ Bluteau, Rafael — *Vocabulário Português e Latino*. Coimbra, Real Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1713, 9v, t. IV, p. 64.

⁽¹¹⁾ Figueiredo, José Anastácio de — *História da Ordem do Hospital, hoje de Malta*. Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1793, p. 28. Fernão Lopes, em sua *Crónica de D. João I* (Porto, Livr. Civilização Edit., 1949, p. 15): «Lecça que hee hũa grande leguoa do Porto»...

Arnaldo Gama, em seu exacto romance histórico *O balio de Leça*, destaca o papel exercido por esses freires, nos cinco reinos cristãos de Espanha (Portugal, Castela, Leão, Aragão e Navarra), na mobilização e na acção militar contra os califas da mourama (12). Contudo, após o declínio das lutas da Reconquista, pelo desaparecimento de sua motivação principal, sobrevém a decadência da Ordem, mas não sem antes ter concorrido para criar no reino aquela bela tradição da boa acolhida aos peregrinos e do cuidado dos enfermos, muito particularmente nos séculos xiv e xv, quando as fomes e pestes devastaram a Cristandade, exigindo a abertura de «espritaes» e gafarias por toda a parte. Esses «espritaes», sob a responsabilidade de várias Ordens Religiosas, chegaram a contar mais de quinhentas casas, espalhadas pelos caminhos mais transitados de Portugal. Antero de Figueiredo, escudado no trabalho do especialista A. C. Velho de Barbosa (*Memória histórica da antiguidade do Mosteiro de Leça chamado de Balio*, Porto, 1852), afirma que só a Ordem dos Hospitalários chegou a ter vinte e cinco comendas (terras titulares, à frente das quais se colocava a bailliagem de Leça como sede do priorado (13). Foi a experiência desses «espritaes» que veio abrir caminho a essa notável instituição portuguesa da «Misericórdia», tão particularmente lusitana, pela sua nuance comovedora da casa ambivalente para tratamento de doentes e lar de enfermos desvalidos.

O hospício passará pelos séculos, pois, como uma boa casa portuguesa, de que bem poderia ser legenda um perdido dístico beirão, que se lia, ainda não fazem muitos anos, inscrito no alto de um velho monólito à margem de um caminho do concelho de Oliveira de Frades, perto de Viseu:

«Peregrino, vinde ao sprital do Reigozo,
q̃ lá vos darey caza, cama, agoa, azeyte e sal» (14).

Esta lindeza epigráfica é a própria definição do hospício, da casa hospital (Efectivamente o Reigoso, antiquíssimo

(12) Gama, Arnaldo — *O balio de Leça*. Porto, Edit. Domingos Barreira, s/d, p. 237.

(13) Figueiredo, Antero de — *Leonor Teles*. 3.ª edição, Paris-Lisboa, Aillaud e Bertrand, 1918, p. 372.

(14) *Ap. Arcas encoiradas*, de Aquilino Ribeiro. Lisboa, Bertrand, 1962, p. 162.

lugar que remonta aos Romanos, foi freguesia famosa pelo seu «spritall», uma notável albergaria do século XII, que teria sido fundada por um tal alcaide Cerveira, que se tornou monge em Santa Cruz de Coimbra, adoptando a Regra de Santo Agostinho, a mesma dos Freires Hospitalários.). É a mesma definição do mosteiro português, antes de tudo uma casa de hospedagem, e por isso uma edificação de vulto, oblonga, sempre bem posta na paisagem, à vista de todos, empoleirada no alto da montanha ou a cavaleiro de um curso de água. Não ostentam as riquezas artísticas ou culturais de suas congéneres de outras terras da Europa, mas ganham em gentileza e hospitalidade. Esses amáveis casarões rurais funcionam esplêndidamente como boas estalagens que sempre foram, generosamente abertas para viajantes e peregrinos de toda a sorte. É muito significativa a colocação geográfica desses mosteiros medievais. A maioria estará situada do Rio Mondego e da Serra da Estrela para o norte, desde que os mouros ainda estarão firmemente instalados nas demais terras do sul, até que D. Afonso Henriques, em sua arrancada heróica, os empurre para fora da terra portuguesa. Deles, o que fica mais ao meio-dia, à margem direita do Mondego, perto de Penacova e dos muçulmanos, é o de Lorvão, lendária casa beneditina do século IX, tão prodigiosa em sua hospitalidade que se impõe aos próprios infiéis e se transforma num dos centros mais activos da aculturação moçárabe em toda a Península⁽¹⁵⁾. Logo a nordeste, eis Vacariça, na direcção de Albergaria-a-Velha, abrindo para o Porto, com certeza uma das vias beiroas medievais que davam acesso ao Minho e a Santiago de Compostela. A essa se ligava outra estrada, que descia de Viseu, passando por Oliveira de Frades, pelo nosso já citado «spritall» do Reigoso, donde talvez bifurcava para oeste (Albergaria-a-Velha) e para o norte, no endereço doutra velha abadia de Arouca, à margem do Rio e da Serra da Mó; esta, por sua vez, abriria caminho pelo vale da Mó, até a via fluvial do Douro, alcançando o Porto, ou atravessando o Douro, para chegar ao mosteiro e hospício de Paço de Sousa. A partir da cidade do Porto ou do mosteiro do Paço de

(15) Conf. Azevedo, Rui de — *O Mosteiro de Lorvão na reconquista cristã*. Lisboa, Editorial Atica, 1933, Introdução.

Sousa, os «palmeiros» (isto é, os peregrinos de Santiago) tinham à sua disposição os alojamentos do Minho, principalmente os mosteiros de Santo Tirso (outra antiquíssima casa de São Bento) e de Tibães, este a principal abadia portuguesa da Ordem beneditina, não longe de Braga, e já na direitura da fronteira da Galiza, a pátria beata dos palmeiros de São Tiago. No decorrer dos séculos, contudo, quando arrefeceu a viva fé medieval, e diminuiu a presença dos peregrinos de Compostela, os mosteiros do norte de Portugal mantiveram suas tradições de hospitalidade, como o comprova aquela pitoresca notícia turística transmitida por um anónimo viajante setecentista, visitador monástico de gosto requintado, que Camilo Castelo Branco edita em seu *Mosaico e Silva* (16): o exigente prelado descreve meia dúzia de mosteiros minhotos, aonde se chega invariavelmente por um mau caminho, mas onde se refaz o corpo com bifés de ceboladas, frigideiras de Braga, pastéis de Guimarães e outros regalos, servidos fartamente no refeitório vasto, e onde se restaura o espírito, na bem fornecida livraria, com a leitura das obras mais preciosas e raras, e ainda com a lambujem de tanto lager ao hóspede, que terá tempo para escrever suas opíparas impressões de viagem...

Contudo, aquele Hospício brasileiro, surgido em 1774, no centro da Capitania de Minas Gerais, na Serra do Caraça, obra do misterioso Irmão Lourenço de Nossa Senhora, será bem diferente dessas fartas casas-de-hospitalidade portuguesas do seu tempo. Embora vinculado espiritualmente a elas, não aparecerá assim, como um paraíso de glutões, convertido aos prazeres burgueses do século das luzes, que foi instalar-se especialmente em claustros portugueses. O fundador estabelece a sua Capela, bem humilde e muito pobre, no píncaro da Serra, com as suas duas alas residenciais — uma destinada a um pequeno convento e outra à hospedagem de peregrinos. Lourenço conta que «fes-lhe no convento comodos como para Pessoas Clauzuradas» (17), que ali vivem como verdadeiros donatos, isto é, leigos revestidos de hábito em regime de comunidade religiosa, pois são irmãos

(16) Camilo Castelo Branco — *Mosaico e Silva*. Porto, Char-dron, s/d, p. 210.

(17) «1.º Requerimento», *cit.*

professos da Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Quanto à ala dos peregrinos — escreve o fundador «a ella concorrem por suas devoções e interesses» muitas pessoas, os romeiros, viajantes e até faiscaidores de ouro⁽¹⁸⁾. E, a uma e outra — e este é o destino da obra de Lourenço — «tem hido varios Homens que conhecerão a pouca duração da vida» e que ali «fazem suas Confeçoens Geraes, e purificam-se»⁽¹⁹⁾.

Será, aliás, um franciscano, D. Frei Cipriano de São José, Bispo de Mariana — a cuja Ordem acabou por ficar tão peculiar a instituição do «hospício» — o primeiro a referendar o título popular dado à fundação, em 1805, quando chama a Capela de Lourenço de Hospício e a descreve como «huma pequena Casa regular e Religioza», com «acomodações suficientes para doze e mais indivíduos» e oficinas proporcionadas para os trabalhos da comunidade⁽²⁰⁾. (Chamando-a de hospício, o Bispo arrábido estará lembrado, certamente, dos outros hospícios mineiros — hospícios franciscanos da Terra Santa — já existentes em Minas desde antes de 1750, tais o de Vila Rica (o primeiro, em 1726), de Mariana, de Sabará, de São João del-Rei e do Tijuco, dentre os outros «Peditórios»⁽²¹⁾ seráficos de menor importância).

Mas, o Hospício do Irmão Lourenço — como o próprio fundador coloca precipuamente em seu 1.º *Requerimento* ao Príncipe Regente, citado — terá, antes de tudo, o destino cristão de uma casa-de-hospitalidade, em seu melhor sentido monástico e tradicional. A casa de Lourenço irá tentar oferecer aquela mesma hospitalidade antitética dos povos nómadas — de que são modelos bíblicos Abrão e Ló — que tratam como irmão todo estranho que lhes toca nas cordas de suas tendas ou lhes

⁽¹⁸⁾ Cap. IX, do «Compromisso da Irmandade de N. S. Mãe dos Homens», elaborado pelo Irmão Lourenço de Nossa Senhora, in *Revista do Arquivo Público Mineiro (RAPM)*. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, ano XII, p. 165.

⁽¹⁹⁾ «1.º Requerimento», in AHU, de Lisboa, Caixa 70-MG, Loc. n.º 45.

⁽²⁰⁾ «Informação», do Bispo D. Frei Cipriano de São José, Bispo de Mariana, in *RAPM*, VI, p. 511. — No Cap. IX, do «Compromisso» acima citado, se fala em alojamentos para 25 pessoas, em 1806 (in *RAPM*, ano XII, p. 165).

⁽²¹⁾ Rower, Basílio — *A contribuição franciscana na formação religiosa de Minas Gerais*. Petrópolis, Editora Vozes, 1954, p. 70.

prova seus alimentos (22), a mesma hospitalidade evangélica que os verdadeiros justos darão a Jesus hóspede, como o melhor sinal de predestinação (23). Lourenço surge na história como um verdadeiro predestinado de hospitalidade: aparece no Arraial do Tijuco (Diamantina), em 1763, entrando para a Ordem Terceira da Penitência e logo se fazendo esmoler da Terra Santa. Ora, o cargo de esmoler — segundo os *Estatutos da Venerável Ordem Terceira da Penitência*, vigorantes em Lisboa e modelo para os sodalícios mineiros do tempo (24) — exige de seus titulares as virtudes da «agilidade, bom grado, civilidade» e, ao mesmo tempo, que eles «tratem a todos com affabilidade e atenção». É o que fará Lourenço igualmente, ao fundar seu Hospício no alto da Serra do Caraça, como testemunham os viajantes que até lá sobem, Augusto de Saint-Hilaire, Spix e Martius e outros. Trabalhando vários anos a serviço dos hospícios franciscanos da Capitania, tornando-se o Ermitão-Mor de sua Capela de peregrinação, levará para ela o espírito hospitalário que viu e sentiu nesses hospícios e «peditórios» em que se acolheu tantas vezes, em suas andanças peregrinas. Será a mesma virtude hospital que as casas monásticas exercitaram, a partir do século IV de nossa era, como um verdadeiro apanágio institucional, de que é vivo exemplo aquele beato Apolônio, que dissertava sem parar sobre o cuidado da hospitalidade («*studium hospitalitatis*») e recomendava muito atentamente a seus monges que recebessem os irmãos viajantes como se fossem o próprio Cristo que chegasse, criando, assim, aquela bela tradição do hóspede Jesus, que São Bento de Núrsia destacará especialmente em sua *Regula* (25). O historiógrafo Rufino — de quem anotamos, em sua *Historia monachorum*, o depoimento sobre o beato Apolônio — acrescenta que quando os viajantes e peregrinos

(22) Lods, A. — *Israel, desde los origenes hasta mediados del Siglo VIII (a. de C.)*. Tradução em castelhano, México, UTEHA, 1956, p. 167.

(23) *Mt.* XXV, 35.

(24) *Estatutos da Venerável Ordem Terceira da Penitência*. Lisboa, Oficina de Simão Tadeu Ferreira, 1787, Cap. XVIII, (p. 23).

(25) *In Patr. Lat.*, Parisiis, Edit. Migne, 1866, t. LXVI, col. 675 e 676 (Cap. XLIII).

se aproximavam da Níttria, tão logo eram vistos, os cenobitas saíam-lhes alegremente ao encontro, «como se fossem um enxame de abelhas», cada qual irrompendo de sua cela, aproximando-se de rosto feliz, trazendo nas mãos odres de água fresca e cestos de pães e lhos ofertando efusivamente, e depois guiando-os, ao som de salmos festivos, até a igreja, onde seus pés eram lavados e enxugados com alvas toalhas, segundo as tradições (26).

É verdade que não há toda uma liturgia declarada de hospitalidade como essa no Caraça, mas ela subjaz, implícita, no *Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens*, destinado pelo Irmão Lourenço aos irmãos e aos peregrinos do seu Hospício, em 1806. Como a imensa maioria dos portugueses das Minas terá provindo do Minho, do Douro e das Beiras, desde logo os romeiros, saudosos dos seus santuários ultramarinos de Nossa Senhora da Lapa, em Sernancelhe, do Senhor Bom Jesus, em Matosinhos e em Braga, da Senhora do Calvário, em Gouveia, da Senhora das Fontes, em Pinhel, da Senhora dos Remédios, em Lamego, de São Bartolomeu do Mar, de Santa Marta, de Santo Ovídio, e também, da Senhora Mãe dos Homens, em Peva, começarão a subir a Serra do Caraça, em peregrinação, bem à moda portuguesa, mesmo com as aculturações que as raças da terra irão introduzindo. É possível que os três santuários mineiros mais concorridos — o de Nossa Senhora da Piedade, na Serra da Piedade, perto de Caeté, o de Nossa Senhora Mãe dos Homens, da Serra do Caraça, e o do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, atraíssem os peregrinos durante todo um mês de festa e romaria, já que a festa, na Serra da Piedade, realizava-se no dia 15 de Agosto, a de Nossa Senhora Mãe dos Homens, no Caraça, no dia 29 do mesmo mês, e o jubileu do Senhor Bom Jesus, em Congonhas, no dia 8 de Setembro. Os devotos fariam todo um circuito de romarias, valendo-se da época seca do ano, como se fosse o verão peregrino europeu.

É curioso que não precisemos usar a imaginação para descrever o tipo externo dos romeiros ou «eremitoens» setecentistas das Minas: pelos documentos que deles res-

(26) *Historia monachorum*, de Rufino, Cap. VII, in *Patrologia Latina*, cit., col. 417/418.

tam vê-se que não são diferentes dos seus colegas medievais, os palmeiros, que se dirigiam a Santiago de Compostela. É verdade que estes traziam palmas atravessadas nos cordões dos chapéus (daí o nome de «palmeiros») e vieiras (figuras de conchas, símbolo dos peregrinos) costuradas em suas esclavinas (túnicas) de viagem. Mas, aqueles chapéus de copas altas e abas largas, com as copas cingidas de cordão e mais a barbeta para prendê-los por debaixo da barba, não serão muito diferentes dos usados pelos palmeiros medievais; os longos ponchos dos viajantes assemelhar-se-ão com as esclavinas (também chamadas murças ou garnachas) dos palmeiros, enquanto as samarras pretas, marrons ou azuis dos «eremitoens» mineiros não diferirão essencialmente das peregrinetas talares dos devotos de São Tiago, umas e outras abotoando-se no peito. Apenas as garnachas medievais exibem as vieiras simbólicas e daí o apelido de *coquillards*, que, em França, tinham os romeiros medievais. Umas e outras, porém, serão feitas do mesmo grosso e rústico burel, compridas até o artelho, abertas na frente para facilitar o passo, mas cingidas na cintura por um largo cinto de couro esfolado. Se os palmeiros de São Tiago calçam botas grossas, de forte solado a pregos (pelo menos os mais graduados), os peregrinos mineiros trazem alpercatas de couro cru ou mais frequentemente andam descalços. Uns e outros se arrimam a bordões de viagem, verdadeira arma e amparo, sendo os dos viajantes medievais cajados pesados de carvalho ferrados nas duas pontas, contentando-se os romeiros setecentistas com os seus fortes bastões de madeira de lei, principalmente jacarandá (o Irmão Lourenço tinha um, que ficou famoso) (27).

E são necessários, mesmo, os bordões, já que os caminhos das Minas se parecem com os medievais, não só na ruindade, como pelos perigos que oferecem à segurança pessoal dos viajantes e dos peregrinos que andam por eles. Tanto nos livros da Irmandade do Senhor Bom Jesus de Matosinhos, de Congonhas do Campo, como nos da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, do Hospício do Caraça, constam entradas de irmãos vindos

(27) V. La Serna, Gaspar Gómez de — *Del Pirineo a Compostela*. Madrid, Patronato Nacional del Camino de Santiago, 1965, p. 16/7.

do mais distante sertão, «dos centros de Goiás, Mato Grosso, São Paulo, Rio de Janeiro e das matas de Minas», do Registro do Rio Paraibuna até o Termo das Minas Novas, para cumprirem os deveres religiosos dos jubileus e das romarias: «O fervor que os animava e os sacrifícios que faziam» — conta Júlio Engrácia, em sua «Relação Cronológica» (28) — «medem-se pela viagem, má e cheia de perigos, que o era nessa época em que o latrocínio pelas estradas era levado a princípio de exploração industrial, e não de bandidos comuns.» Isto faz lembrar a mesma iminência de perigo que ameaçava os antigos caminhos de Santiago de Compostela, de que dá pitoresca informação o *Liber Sancti Jacobi*, guia de viagem do século XII: as terras de peregrinação são desoladas e inóspitas, as gentes são violentas ou trapaceiras e até as águas dos rios apresentam-se envenenadas para os homens e os animais. Sobre uma estalagem: «Nesta pousada há mulheres de estrela e beta, que batem um fandango em cima de um maravedi. Todo cuidado é pouco com semelhantes huris. O menos que vos pode suceder é ficardes sem a bolsa.» Sobre outra: «A cozinha é boa, mas cara como a hora da morte. Se vos demorais, estais arriscando a pele e a camisa.» E sobre uma passagem no alto de uma serra: «Consta que aqui foram despojados dos seus bens, mortos e enterrados no quintal, dois viajantes em trânsito. Foi o cão de um deles, a uivar em cima de sua infeliz sepultura, quem descobriu o crime.» (29) Pois esse cachorro peregrino de Santiago teve mais sorte que os seus irmãos

(28) «Relação Cronológica do Santuário e Irmandade do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo.» in *RAPM*, ano VIII, p. 48 e 54.

(29) O *Liber Sancti Jacobi*, também chamado *Codex Calixtinus* (pela carta-prefácio, apócrifa, atribuída ao papa Calisto II que o abre), é uma heterogênea compilação de cinco livros dos quais o V é um verdadeiro «guia» do peregrino medieval, sobre as rotas, suas etapas e alojamentos, os países, as gentes, os costumes e os lugares de devoção da *ruta jacobea*, até chegar a Compostela. A data de sua redacção remonta ao segundo terço do século XII entre 1132 e 1139, pouco antes do *Cantar del Cid*. Seu autor foi um cura romeiro francês, chamado Aimery Picaud, originário da região do Poitou (Parthenay-le-Vieux), que fez a viagem até a Galiza. Mas, para o irritável cura poitevino o caminho de Santiago foi muito pior do que aquela «porte étroite», que Charles Péguy achou ser o caminho de Nossa Senhora de Chartres: pintou-o com cores tão negras, que se diz ser o seu «Guia» uma das obras mais

de raça da Capitania das Minas Gerais, alguns séculos depois, onde se estripavam «igualmente até os cães de que alguns hião acompanhados»⁽³⁰⁾: é assim que conta um documento setecentista os feitos de uma quadrilha de salteadores, que operou em 1783, no Caminho Real, e que foi desfeita por puro acaso. Seu valhacouto era a Serra da Mantiqueira, nome que a gíria local traduzia por «ladroeira», «manta» ou «trapaça». O Caminho Real tinha também seus samarheiros, padres salteadores, dentre os quais se destacou um tal Pe. Arruda, homem rico e bem relacionado na região, sempre acompanhado de um capanga, o temível Cigano Beiju (Joaquim Alves Saião Beiju), cuja fama era compartilhada pela outra quadrilha do Chefe Guimarães, português «altamente respeitável» em Barbacena, que tinha como seu lugar-tenente outro cigano, chamado Pedro Espanhol⁽³¹⁾; esses bandidos postavam-se nas picadas mais fechadas e laçavam suas vítimas, esfolando-as, despojando-as de seus bens e atirando-as depois nos fundos abismos da Serra. Conta uma tradição que um desses crimes foi revelado por uma

expressivas da «Espanha Negra» do século XII, isto é, uma Espanha violenta, suja, rapace e pouco temente a Deus, que é assim que a vê quase em todos os onze capítulos do seu «Guia». Esta obra foi publicada pela primeira vez em 1882, pelo erudito P. Fita, e logo começou a ser reproduzida total ou parcialmente por diversos medievalistas (*Ap. La Serna, Gaspar Gómez de — Del Pirineo a Compostela, cit.*, p. 20 a 28). O «Guia» de Picaud ajudou muita gente a trilhar o caminho de Santiago e concorreu assim para engrandecer a fama do culto jacobeu, uma das mais belas manifestações de fé colectiva da Idade Média, pois «quem não ia a Santiago em vida, teria de lá ir depois de morto». A peregrinação era, mesmo, todo um purgatório de penas e sofrimentos.

⁽³⁰⁾ Ofício do Governador D. Rodrigo José de Menezes à Corte, em 4 de Julho de 1783, de que destacamos os seguintes trechos, contando que o Caminho Real «estava infestado de huma numeroza Companhia de Salteadores», os quais, fingindo-se soldados de patrulha, «fazião apaar os Viandantes, e conduzião as Miseráveis victimas q. erão objecto de sua Cobiça p. o interior dos Matos, e ali os Assassinavão, matando igualmente athé os Cães deq. alguns hião acompanhados, p. q. de todo ficassem extintos os Signaes q. humanamente os podessem descobrir» (fls. 1). E foi o futuro Inconfidente José Aires Gomes, Tenente-Coronel do 1.º Regimento Auxiliar do Rio das Mortes, quem procurou os viajantes desaparecidos e lhes achou as sepulturas (fls. 2) (AHU, de Lisboa, MG, Caixa n.º 56).

⁽³¹⁾ Burton, Richard F. — *Viagens aos planaltos do Brasil*. Trad. brasileira, São Paulo, Comp. Editora Nacional (Brasília), 1941, t. I, p. 120.

árvore de crescimento muito rápido, que ostentava no alto da galharia um selim, como se fosse um fruto⁽³²⁾... Nem é preciso recordar a crónica succulenta das mulheres de «estrela e beta», tais as Andrezas Pitanguí, as Chicas da Silva, as Marias Tangará e as Donas Beijas, que, por toda a centúria e depois dela, devastaram corações e, também, e principalmente, as bolsas dos seus iludidos...

Mas, tudo debalde. As peregrinações não deixarão de ser feitas, à boa moda portuguesa, como aquelas no norte do Reino (donde provém a imensa maioria da gente das Minas e seus descendentes), tais como as do Senhor Bom Jesus de Braga que se realizam em 6 de Agosto; as de Póvoa de Lanhoso, em 28 de Junho (Nossa Senhora do Pilar); as do Porto de Ave, em 2 de Setembro (Nossa Senhora do Porto); as de Santo Emilião, em 17 de Julho (São Bento de Donim); as de Monsul, em 25 de Julho (São Tiago), e as de Rendufinho, em 17 de Agosto (São Mamede). As de Minas Gerais não se dão em época muito diferente das de Portugal: em António Pereira (Nossa Senhora da Lapa) e na Serra da Piedade (Vila Nova da Rainha), em 15 de Agosto; no Caraça (Nossa Senhora Mãe dos Homens), em 29 do mesmo mês; e no santuário do Senhor Bom Jesus de Matosinhos de Congonhas do Campo, em 8 de Setembro. Como essas romarias se davam, como as portuguesas, em tempo de seca, é bem possível que os romeiros subissem a Serra em ranchos, cada um deles levando o seu farnel (talvez em cestas de fibras, de quatro asas (como as de Barcelos), cobertas caprichosamente de alvíssimas toalhas trabalhadas, caindo dos lados).⁽³³⁾ Se não levavam vinho nas cabaças, carregariam talvez cachaça da terra, que os mais abstémios evitariam, usando canecos para se dessedentarem nas boas linfas do caminho. Como os peregrinos de além-mar, estes lusos mineiros e seus filhos da terra seguiriam cantando o tempo todo, talvez com acompanhamento de

⁽³²⁾ Burton, *Op. cit.*, t. I, p. 121.

⁽³³⁾ Conde d'Aurora — «Romarias de Ribeira Lima», in *Estudos e ensaios folclóricos em homenagem a Renato Almeida*. Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1960, p. 338/9.

alguma harmónica, flauta, gaita, cavaquinho, ferrinhos, reque-reque e mais algum instrumento de percussão introduzido no conjunto pelos negros escravos; e não faltariam dançarinos, improvisando os «viras» do Minho nas leiras da estrada (34). Decerto fariam «quartel» na Chácara de Santa Rita, antes de escalarem a Serra, a última etapa da viagem, rezando e entoando, no fim do dia, o «terço cantado», ainda hoje comum em tantos lugares de Minas. No dia seguinte (no sábado ou na véspera da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens), partiriam muito cedo, em demanda do Hospício. Já de longe os romeiros veriam a Capela engalanada, com arcos de folhagens abrindo-se para o santuário. Logo chegariam e a primeira visita seria para a Senhora, colocada festivamente lá em seu altar, ornado de panejamentos especiais, com bambinelas de cores berrantes, em meio a flores multicoloridas. E, após uma fervorosa saudação à Virgem Padroeira, ao pé do altar, começariam a cumprir as suas promessas. Promessas pessoais quase sempre, e, às mais das vezes, por doenças curadas, as terríveis «pontadas pleuríticas» («o flagelo que mais tem destroçado os mineiros destas minas» — no expressivo depoimento do cirurgião Luís Gomes Ferreira, em seu *Erário Mineral* (35), os «enchimentos de estômago», as «obstruções», as lombrigas das crianças, um mundo de achaques, de que os curavam os santos milagreiros. O cumprimento das promessas se fazia das formas mais variadas: rezas de infundáveis rosários, ao pé das imagens medianeiras, vias-sacras no Calvário, voltas de joelhos em torno da Capela, silêncio absoluto em toda a romaria, crianças vestidas de anjos, gente amortalhada, de cabelos intonsos, em grilhetas ou carregando pedras à cabeça, etc. Ainda em 1828 — conta o *Guia Sentimental do Caraça* (36) — um observador viu uma romeira, de braços abertos, levando uma vela acesa em cada mão, subir, de joelhos, a escada

(34) *Idem*, p. 339.

(35) Ferreira, Luís Gomes — *Erário mineral*. Lisboa, 1735. p.1.

(36) Sarnel, Pedro — *Guia sentimental do Caraça*. Belo Horizonte, 1963, p. 60.

exterior do Hospício, atravessar o patamar fronteiro à igreja e toda esta, até o altar, onde, erguendo-se, depositou a sua humilde oferenda, atirando à imagem de Nossa Senhora repetidos beijos de gratidão e de amor.

Todos os peregrinos levariam suas ofertas à Santa ou ao Hospício. Nos bons tempos do ouro, elas seriam o próprio metal em pó, mas é de crer que depois, cada vez mais, em géneros, até se reduzirem a quase nada, nos últimos anos da vida do Irmão Lourenço, como testemunha A. de Saint-Hilaire. Quem torcia o nariz às romarias do Caraça era o Bispo de Mariana, D. Frei Cipriano. De Congonhas do Campo, escrevera ele que «tal era a confusão e tão descomposto o tumulto, que a capela de Matosinhos mais parecia praça de touros que Igreja de fiéis» (37)... Manifestando-se sobre as romarias da Serra, assim escreve ele: «Quem, ou por devoção mal entendida, ou por divertimento conhecido vai passar três, ou quatro dias naquele sítio volta para sua Casa muito contente, e satisfeito publicando que ganhou muitas indulgências, que o Ermitão Lourenço tem alcançado de Roma para com elas atrair mais facilmente os Povos. E é para notar que as gentes que sobem com tanto trabalho a Serra para lucrar indulgências, nem cuidam, nem se apressam para entrar nas suas respectivas Freguesias [aqui desponta nossa suposição de que os romeiros começavam a peregrinação na Serra da Piedade ou em António Pereira, dirigiam-se em seguida para o Caraça e iam acabar seu giro penitencial em Congonhas do Campo], onde sem maior incómodo, confessando-se, e comungando podem lucrar as que os Sumos Pontífices concedem a todos os fiéis em tantos dias do ano como se lê na Bula da Cruzada. Donde se pode inferir sem escrúpulo que o divertimento, e a curiosidade a romagem, e a mistura de um, e outro sexo é todo o móvel de semelhantes devoções». (38). Acostumado com o quadro comum das romagens de Portugal, o severo Bispo imaginaria o Hospício transformado em verdadeira

(37) ACMM, Papéis de D. Frei Cipriano de São José: «Carta a D. Bernardo José de Lorena», fls. 4.

(38) «Informação», in *RAPM*, t. VI, p. 511.

feira, nos últimos dias da festa da Padroeira: tendas armadas pela esplanada, vendendo bugigangas; tabuleiros de doces, vigiados por mulheres acocoradas, a apregoar os seus produtos; mascates a carregar seu baú de miudezas, traficando no meio da multidão em burburinho. Pela noite, acendiam-se fogueiras e luzes, aqui e ali, entre os grupos mais animados, e cantadores, riscando as violas, tocavam desafios, que acabavam no «vira» desabalado, em que as mulheres davam a nota mais excitante. Não há qualquer documento da época que comprove as inferências do Bispo de Mariana, mas não se pode deixar de levar em conta o facto de que quase todas as romarias têm um fundo comum folclórico de divertimento e de festa, a que não escapariam as do Caraça. Por outro lado, as romarias confundiam-se com as cerimónias religiosas do encerramento da festa da Padroeira e com as eleições da Mesa dirigente da Irmandade de Nossa Senhora Mãe dos Homens, o que resultava na presença de muita gente no alto da Serra, nos últimos dias de Agosto. À véspera da festa, realizavam-se as eleições da Irmandade, quando, especialmente convocados, os irmãos chegados de dezenas de freguesias se reuniam no consistório da Capela para a renovação da Mesa e procediam à votação, cujo resultado era proclamado no dia seguinte, 29 de Agosto. Nesse dia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, pela alvorada, eram os fiéis acordados pelo repique dos sinos e pelo troar das bombas e foguetes; dirigiam-se para a Capela, onde se realizava inicialmente a solene proclamação dos irmãos eleitos para a Mesa da Irmandade e sua posse; em seguida, o Capelão cantava a missa «a Canto-chão, e toque de Órgão»⁽³⁹⁾; ao evangelho, subia ao púlpito um bom orador e se dava a ele «doze mil réis pelo Sermão»⁽⁴⁰⁾; a partir do Ofertório, punha-se uma salva de prata no meio da Capela, bem à moda portuguesa, para receber as esmolas e os frutos das promessas dos fiéis, que eram sempre muito generosos; durante o dia, repetiam-se as visitas piedosas, inclusive ao corpo de São Pio Mártir,

⁽³⁹⁾ «Compromisso da Irmandade de N. S. Mãe dos Homens», in *RAPM*, ano XII, p. 166 (Cap. 12.º).

⁽⁴⁰⁾ «Compromisso», *cit.*, *loc. cit.*

colocado no altar do Senhor do Horto, e a prova do grande concurso de povo eram as precauções determinadas por Lourenço para proteger aquelas relíquias:... «a abertura do qual Santuário todas as vezes que se fizer» — recomenda o Ermitão-Mor — «precisa-se sempre de assistência dos Irmãos com luzes acesas com toda vigilância para que se não tirem algumas relíquias»⁽⁴¹⁾; à tarde, saía a procissão, com a imagem de Nossa Senhora, acompanhada por todos os romeiros, rezando o terço e cantando, e os festejos se fechavam com a bênção do Santíssimo Sacramento. E, ainda naquele fim do dia, a multidão principiava a descer a Serra, em demanda dos seus destinos, todos refeitos e alegres com a hospitalidade que lhes dera o Irmão Lourenço e o seu Hospício.

Não obstante a má vontade da autoridade eclesiástica, os Ermitães-mores dos centros de romaria, especialmente os de Congonhas e do Caraça, cuidam em melhorar, «turisticamente», os seus respectivos santuários, para atrair maior número de visitantes. Em Congonhas, o Ermitão Vicente Freire de Andrade (seria também filho natural do Governador José António Freire de Andrade?), que administrou a Capela de 1794 a 1809, realizou ali grandes obras, entre as quais o contrato dos Profetas do adro da igreja e dos Passos da esplanada da mesma, que entregou ao mestre de obras António Francisco Lisboa (o Aleijadinho), as pinturas da igreja e as encarnações de várias imagens que deu aos pintores Francisco Xavier Carneiro e Manuel da Costa Ataíde, e os melhoramentos dos serviços de canalização de água para o santuário em alcatruzes de pedra-sabão (quase certamente a primeira canalização d'água havida no Brasil) e do aumento do edifício destinado à hospedagem dos romeiros⁽⁴²⁾. O Irmão Lourenço, por sua vez, como testemunha o próprio D. Frei Cipriano acima, além de obter diversos privilégios devocionais pontifícios para o seu Hospício, atacou, na medida de suas possibilidades, diversas obras no sentido de bem dotar a Casa de todas as comodidades,

* * (41) «Compromisso», cit., Cap. 13.º, (p. 166).

(42) «Relação cronológica do Santuário e Irmandade do Senhor Bom Jesus», cit., p. 58, 60 e 62.

de modo que ali se sentissem como em suas casas os peregrinos das diferentes condições que subiam a sua Serra. Ainda nisso essas casas mineiras de hospedagem se assemelham às suas epónimas medievais, que estabeleciam uma nítida distinção nas instalações hospedeiras, de molde a permitir que acolhessem os pobres e os ricos, como se pode ver nas plantas das abádias de São Gall e de Farfa, por exemplo (43). No Caraça, Lourenço tanto pode receber os peregrinos pobrezinhos, como os ricos, realizando aquele óptimo hospitaleiro desejado, já desde 786, pelo monge Paulo Diácono nos mosteiros beneditinos da Itália, segundo o espírito da *Regula* de São Bento: «Congruus honor exhibeatur» (44). Na Serra da Senhora Mãe dos Homens, tanto se dará bem a humilde romaria anónima, que se arrasta pelo chão para purgar os seus pecados, como também haverão de sentir-se em casa, no Hospício, viajantes ilustres, que até lá sobem com propósitos diferentes; assim, os cientistas Spix e Martius, que lá se hospedam, em 1818, irão achar, naquele «pouso de piedade» — é como classificam o Hospício — o mesmo carinho que davam os monges antigos aos seus hóspedes: Lourenço, nos seus últimos dias de vida, cego, extremamente doente, ainda pôde reunir suas forças e sair dos seus achaques para vir receber os forasteiros e «muito se alegrou de poder entreter conversa, nesta remota solidão, com recém-chegados da Europa». São acolhidos «com amabilidade» e se surpreendem de encontrar ali «abundância de camas, lençóis aseados e outras comodidades» (45).

Essa sensação de agradável surpresa é também sentida por A. de Saint-Hilaire e por todos os viajantes que penam longas horas na subida da Serra, uma subida de desanimar, que parece não acabar nunca, tão áspera que ela é, tão difícil de atingir como um ninho de águias. Pois

(43) Schmitz, Philibert — *Histoire de l'Ordre de Saint-Benoît*, cit., t. II, p. 46.

(44) Warnefrido, Paulo. *In Sancta Regula Commentarium*. Monte-Cassino, Ed. O. S. B., 1880, p. 417.

(45) *Viagem pelo Brasil*. Trad. brasileira, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, 3v, t. I, p. 372.

a montanha é um dos contrafortes da cordilheira do Espinhaço, dos mais alcantilados da Serra Geral: é, mesmo, a vértebra mais proeminente dessa hipotética espinha dorsal gigantesca que Eschwege imaginou, constituindo-se, assim, numa das mais altas montanhas do Brasil. Ao visitar a acidentada região, o naturalista inglês Charles Bunbury impressionou-se com sua mole portentosa e viu nela a única serra que, pela sua grandiosidade, sobrepunha-se à monotonia das demais; sua conformação lhe pareceu muito semelhante à das montanhas do norte do seu País de Gales (Ilhas Britânicas)⁽⁴⁶⁾, aliás paragem também muito procurada, na Alta Idade Média, pelos monges celtas para seus *diserts* eremíticos. Desdobrando a vista pela região de Santa Bárbara (a cujo município pertence o Caraja), a gente dá razão a Bunbury. Com efeito, o complexo daqueles alcantis inabordáveis firma-se, impositivo, sobre terrenos de altitude média de 700 a 800 metros, para lançar por entre as nuvens as pontas do Pico do Sol, da Serra do Inficionado e do Pico da Carapuça, tão altos, que parecem manter nos ombros o amplo céu da região: o primeiro atinge 2.107 metros (ponto culminante do sistema), o segundo 2.100, e o terceiro 1.935, segundo as medidas mais recentes do Departamento Geográfico de Minas Gerais, em 1948. Dessas alturas, cujo acesso constitui aventura fascinante, os horizontes são imensos e límpidos, fazendo-se distintos quase todos os acidentes geográficos da região, num raio de mais de cem quilômetros em torno: ao norte e nordeste, todo o vale do Rio Santa Bárbara, mostrando a variada vascularização dos ribeirões sufragâneos, deixando-se cercar pelos paredões ferríferos de Itabira do Mato Dentro, ao fundo; ao noroeste, depois dos lendários montes do Gongo-Soco, o estendal de serras entroniza a ara mística da Serra da Piedade; a leste, as elevações menores abrem caminho para os meandros do Rio Piracicaba (o «Percicaba» dos documentos setecentistas) e seus afluentes, rolando para o nordeste, até suas águas fazerem junção com o Santa Bárbara, antecipando o grande caudal do Rio Doce; a

(46) «Narrativa de viagem de um naturalista inglês ao Rio de Janeiro e Minas Gerais». In *Anais da Biblioteca Nacional (AnBN)*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, ano de 1942, t. LXII, p. 102.

oeste, já em outra vertente, ainda a telha calcárea por onde fluem as águas do Rio das Velhas e, sucessivamente, num segundo e terceiro planos, já se esfumando na distância, a Serra do Curral (Belo Horizonte) e os pontões pretos da Serra do Itatiaiuçu; e, ao sul e a sudoeste, os serros do Batatal e do Ouro Preto, com as matações característicos do Itacolomi, e a profunda calha por onde fluem as frias águas do Ribeirão do Carmo, outra fonte do Doce.

Imponente é a Serra do Caraça, «com doze ou mais léguas de circuito na sua base, e escarpada em redondo» — conforme a descreve o pai dos corógrafos brasileiros, Manuel Aires de Casal⁽⁴⁷⁾. Na pene-planície «de pouco menos de légua em quadro, em uma quebrada da sua sumidade», à altitude de 1.300 metros, foi que o Irmão Lourenço de Nossa Senhora ergueu o seu Hospício. De um lado, à esquerda, elevam-se os morros da Conceição e da Trindade, assim chamados estes porque apontam três picos; na direcção do sul, estendem-se as Serras do Capivari e da Canjerana, que, através do medonho desfiladeiro da Bocaina, olham a «caraça» da Serra do Inficionado, contígua ao penhasco da Verruguinha; agora, à direita, a mesma Serra do Inficionado arma seu amplo pedestal para o Pico do Sol e, já a nordeste, fechando os horizontes, isolando com ciúme o Hospício do mundo, a imensa penedia da Carapuça completa o círculo do anfiteatro, verdadeiro ninho de pedra, difficilmente praticável a qualquer época do ano, já que, no juízo de um dos tantos hóspedes que se recolheram ao Caraça⁽⁴⁸⁾ — «as estradas que para este Lugar se dirigem são escabrosas e difficultozas de transitar, pelos passos ingremes e alcantilados, que são frequentes nos caminhos de serra».

Mais uma razão para que todos os seus hóspedes, romeiros ou viajantes comuns, admirassem as suas instalações e comodidades, que o Irmão Lourenço «abasteceu pelo seu suor», a fim de que todos se sentissem bem ali,

⁽⁴⁷⁾ *Corografia Brasílica*. Edição fac-similada, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1945, 2v, t. I, p. 365.

⁽⁴⁸⁾ «Informação» do Ouvidor António Luís Pereira da Cunha. In *R.A.P.M.*, ano VI, p. 513.

como se estivessem no próprio lar e não como «peregrinos em terra estranha»⁽⁴⁹⁾. Lar que permaneceu aberto nos anos do Caraça português, quando os Lazaristas o ocuparam, depois de 1820 até meados do século. Então, por muitos anos, porque «era meigo e bom», o Pe. João Moreira Garcez tornou-se o introdutor dos romeiros. «Era no seu tempo, na Serra mineira» — escreveu o Pe. Pedro Sarneel, em seu belo *Guia Sentimental do Caraça* — «o que era o cartuxo em época remota, sobre as montanhas da França: um hospitalário sorridente, que um poeta latino celebrou neste verso cadenciado e conciso:

*«Hospitis adventu gaudent
Dant quod habent hilari pectore, voce, manu.»* (50).

⁽⁴⁹⁾ Gênesis, XV, 13.

⁽⁵⁰⁾ *Guia sentimental, cit.*, p. 205.